

O Espelho como metáfora

Para o processo de tradução em “The Exchange” de Jhumpa Lahiri

Amanda Santos

Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL)

Danielle Baracho (Orientadora)

Mestrado em Literaturas, Artes e Culturas Modernas (FLUL)

DOI: 10.51427/com.est.2024.03.01.0002

RESUMO: A escritora norte-americana Jhumpa Lahiri publicou em 2015 *In Altre Parole*, um livro escrito diretamente em italiano pela primeira vez. Traduzido para o inglês como *In Other Words* (2017), a obra reúne um conjunto de textos autobiográficos e ficcionais que refletem sobre o processo da escritora em se exprimir em uma língua estrangeira. No conto ficcional “The Exchange”, uma tradutora muda-se para uma cidade cujo idioma não fala. Em um dos momentos da narrativa, a personagem depara-se com um espelho tripartido. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o espelho como uma metáfora que pode ser utilizada para referir-se a processos tradutórios com diferentes propósitos, conforme analisa Julio-César Santoyo (2013). Assim, analisa-se as peculiaridades do espelho como concebido por Lahiri enquanto metáfora para a tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Espelho; *In Other Words*; Jhumpa Lahiri; Metáfora; Tradução.



ABSTRACT: In 2015, American writer Jhumpa Lahiri published *In Altre Parole*, a book written directly in Italian for the first time. Translated into English as *In Other Words* (2017), the work brings together a set of autobiographical and fictional texts that reflect on the writer's process of expressing herself in a foreign language. In the fictional short story "The Exchange", a translator moves to a city whose language she does not speak. In one of the moments of the narrative, the character comes across a tripartite mirror. The objective of this work is to reflect on the mirror as a metaphor that can be used to refer to translation processes with different purposes, as analyzed by Julio-César Santoyo (2013). Thus, the peculiarities of the mirror as conceived by Lahiri as a metaphor for translation are analyzed.

KEYWORDS: *In Other Words*; Jhumpa Lahiri; Metaphor; Mirror; Translation.



Introdução

In Other Words (2017) é o título da tradução para o inglês do primeiro livro da escritora norte-americana Jhumpa Lahiri escrito e publicado originalmente em italiano, em 2015, *In Altre Parole*. Lahiri, até então, havia publicado livros apenas em inglês. Lançada em formato bilíngue pela editora Albert A. Knopf e traduzida por Ann Goldstein, a obra reúne majoritariamente textos autobiográficos sobre aprender a se expressar em italiano e sua relação com esta nova língua. Eleonora Ravizza (2019) evidencia que o livro não é apenas um relato deste processo, mas é também uma encenação, uma vez que proporciona ao leitor acompanhar como a escrita de Lahiri em italiano se desenvolve conforme a autora prossegue no estudo e na prática do idioma.

In Other Words contém ainda dois contos de ficção. Um deles, “The Exchange”, trata de uma tradutora que se muda para um país cuja língua não fala. A escrita de Lahiri é marcada pelo tema da tradução, seja pela experiência da autora com os três idiomas que fala — bengali, inglês e italiano — ou pela sua atuação profissional com tradução e autotradução. À vista disso, este trabalho analisa como o espelho em “The Exchange” é trabalhado por Lahiri como metáfora do processo tradutório e reflete sobre os diferentes usos dessa imagem na escrita sobre tradução conforme analisados por Julio-César Santoyo (2013).

A metáfora em *In Other Words*

No ensaio “Why Italian?”, Lahiri (2022b) afirma que o processo de escrita de *In Other Words* foi guiado pela construção contínua de metáforas. Pierre Fontanier afirma que “os Tropos são certos sentidos mais ou menos diferentes do sentido primitivo, oferecidos, na expressão do pensamento, pelas palavras aplicadas a

novas ideias”¹ (Fontanier 1977, 39). Com base em tal conceito, a metáfora pode ser assumida como um tropo por semelhança, que consiste em “apresentar uma ideia sob o signo de uma outra mais impressionante ou mais comum, que, de outro modo, não se prende à primeira por nenhum outro vínculo além daquele de uma certa conformidade ou analogia” (Fontanier 1977, 99). Nesse sentido, o movimento da metáfora pode ser comparado ao movimento do processo de tradução. Em ambos os casos, há uma troca de um elemento por outro (uma palavra por outra ou outras), e esta decisão dá-se pela semelhança que há entre elas.

“The Exchange” é o primeiro conto que Lahiri escreve diretamente em italiano. O tema da troca aparece já no título e na primeira página, quando se menciona as diferentes mudanças de identidade buscadas pela protagonista, que “queria gerar uma outra versão de si mesma, no mesmo modo como podia transformar um texto de uma língua a outra” (Lahiri 2017, 66).

O conto é marcado também pelo uso de metáforas. O momento da troca anunciada pelo título ocorre quando a personagem se confunde no provador de uma loja de roupas e acredita ter em mãos um suéter que não é o seu próprio. Em “The Story”, texto que antecede o conto e apresenta o processo de composição de “The Exchange”, Lahiri afirma que “o suéter é a linguagem” (Lahiri 2017, 64). A autora, portanto, apresenta o registro da metáfora como uma chave de leitura para o conto. A seguir, tento identificar outra possível metáfora em “The Exchange” relativa ao processo de tradução, o espelho.

¹ Todas as traduções para o português apresentadas são minhas. As traduções de trechos de *In Other Words* foram feitas a partir do texto em italiano, com consulta à tradução para o inglês por Goldstein, a partir da edição do livro publicada em 2017.

O espelho como metáfora de tradução

Julio-César Santoyo afirma que a palavra “espelho” integra uma “longa tradição de alegorias sobre a natureza e o propósito da tradução” (Santoyo 2013, 27). Para o pesquisador, “estas metáforas pressupõem [...] a existência de dois textos individuais, separados: um (a tradução) derivado de outro (o original), o primeiro a ser, ou a tentar ser, a imagem e o reflexo do último” (Santoyo 2013, 28). Desse modo, é possível observar a menção à metáfora do espelho em textos que se referem a um paradigma ou desejo de transparência entre o texto de partida e o texto de chegada. Lawrence Venuti afirma que um texto traduzido é transparente quando “parece refletir a personalidade do escritor estrangeiro, a intenção ou o sentido essencial do texto estrangeiro — a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato tradução, e sim o ‘original’” (Venuti 2004, 1).

David Damrosch considera o ensaio “The Translator’s Task” (1923), de Walter Benjamin, representativo de “um ramo da teoria da tradução que sempre sonhou com um processo místico de espelhamento que de alguma forma trouxesse o trabalho original, inteiro, para a tradução, uma visão utópica” (Damrosch 2012, 419). Ao elaborar sobre o juramento verbal como metáfora para o processo tradutório, Jacques Derrida refere-se a uma “univocidade espelhada ou transparente, essa tradução ideal” (Derrida 2012, 375). Nestes dois casos, a noção de espelhamento é utilizada para se referir à expressão de um sentido único, de uma correspondência imediata, precisa, entre duas línguas.

Em contrapartida, a metáfora do espelho pode ser usada para desestabilizar a noção de transparência. Santoyo refere-se à autotradução como um espelho cuja “imagem pode aparecer tão deformada ou distorcida quanto o autor desejar” (Santoyo 2013, 28). Nessa perspectiva, enfatiza-se a autonomia do autor-tradutor para manipular o texto de partida, de forma a criar um “segundo original” em

um “jogo de espelhos” (Santoyo 2013, 29). Esta metáfora pode seguir, portanto, diferentes direções, de acordo com os aspectos que cada autor escolhe explorar nas possíveis relações de semelhança entre o espelho e a tradução. Dito isto, interessa identificar qual a relação de semelhança que Lahiri estabelece entre o espelho e o processo tradutório em “The Exchange”.

O espelho em “The Exchange”

A metáfora do espelho aparece com frequência em *In Other Words*. Em “The Fragile Shelter”, Lahiri diz: “A língua é o espelho, a metáfora principal. Porque no fundo o significado de uma palavra, como aquele de uma pessoa, é algo desmesurado, inefável” (Lahiri 2017, 86). Em “The Scaffolding”, o espelho é utilizado para referir-se à relação que a autora tem com os próprios leitores (Lahiri 2017, 188-189). No posfácio de *In Other Words*, Lahiri afirma: “Mesmo um romance extraído da realidade, que lhe seja fiel, não é a verdade, assim como a imagem no espelho não é a pessoa em carne e osso” (Lahiri 2017, 135). Neste trecho, a escritora escolhe evidenciar a diferença entre imagem refletida e o corpo propriamente dito, corroborando com a noção de que não há uma semelhança inequívoca entre a pessoa e o seu reflexo.

Em “The Exchange”, a protagonista inominada, uma tradutora, é descrita como alguém que sente, por vezes, vontade de “remover sua presença da terra” (Lahiri 2017, 66). Este desejo de apagamento pode ser relacionado com a perspectiva de Venuti (2004) sobre a invisibilidade do tradutor, que ocorre quando se esconde as intervenções do tradutor ao texto na busca pelo efeito de transparência.

É pertinente observar ainda que esse desejo de apagamento é descrito por Lahiri como coexistente com a vontade de “ser outra pessoa” (Lahiri 2017,

66). Vera Lúcia de Oliveira afirma que “a tradução é um processo através do qual incorporamos em nós, como dissemos, a alteridade” (Oliveira 2009, 89). Com o objetivo de entender a tensão entre este impulso de apagar a si mesma e o amor pelo mundo e pelas pessoas, a tradutora-personagem decide “eliminar os sinais da sua própria existência” (Lahiri 2017, 68), livrando-se da maior parte dos seus pertences e partindo para uma cidade desconhecida, onde ficará imersa em uma língua que não fala.

Ao entrar no apartamento de uma mulher estrangeira e desconhecida, onde é possível experimentar e comprar roupas, a protagonista de “The Exchange” nota que há no canto do salão “um espelho alto e dividido em três partes, nos quais poderia olhar para si mesma de diversas perspectivas” (Lahiri 2017, 72). Este espelho pode ser uma sugestão das identidades múltiplas da tradutora-personagem, assim como da própria autora.

Embora não seja possível assumir que toda a produção literária seja coincidente com a vida da autora, há pontos em comum entre a protagonista do conto e a biografia de Lahiri. No posfácio de *In Other Words*, Lahiri afirma que este livro difere dos demais publicados anteriormente não só pelo idioma em que foi escrito, mas também pelo seu caráter autobiográfico: “Quase tudo aquilo que contém aconteceu a mim” (Lahiri 2017, 218). “The Exchange” e “Penombra” são os únicos contos de ficção do conjunto. Ainda assim, Lahiri afirma que o primeiro contém elementos autobiográficos, uma vez que uma série de episódios relatados no conto teriam de fato acontecido consigo: “É um conto em terceira pessoa, mas a protagonista, um pouco modificada, sou eu” (Lahiri 2017, 218). De acordo com Ravizza, os contos podem ser lidos como um “*mise en abyme* da experiência autobiográfica” (Ravizza 2019, 242), já que Lahiri comenta sobre “as condições em que foram concebidos e como o seu significado tornou-se progressivamente mais claro para si durante seu próprio processo de aprendizagem da língua”

(Ravizza 2019, 241).

Em outro texto de *In Other Words*, “The Triangle”, Lahiri usa a imagem do polígono para refletir sobre sua relação com os três idiomas que fala: bengali, inglês e italiano. A autora descreve o triângulo formado pelas línguas como um *cornice*, moldura, no qual gostaria de ver um espelho que refletisse uma imagem “precisa, nítida” (Lahiri 2017, 156), de “uma pessoa íntegra, ainda que fragmentada” (Lahiri 2017, 156). Contudo, nesta moldura do triângulo, Lahiri vê apenas “oscilação, distorção, dissimulação, [...] algo híbrido, desfocado, confuso” (Lahiri 2017, 156). Neste texto, menciona-se também o medo de que o espelho contido no triângulo reflita de volta o vazio, o nada.

Quando estuda a própria imagem no espelho, a protagonista de “The Exchange” distrai-se ao notar a presença de outra pessoa, no fundo do corredor. Esta mulher oculta atrás do espelho, que em nenhum momento fala, é descrita como “diferente das outras” (Lahiri 2017, 74) pelas clientes que frequentam o apartamento. A protagonista, ao ir embora, procura-a para se despedir, mas a mulher não está mais lá.

No ensaio “In Praise of Echo: Reflections on the Meaning of Translation”, publicado no livro *Translating Myself and Others* (2022), Lahiri refere-se a *Metamorfoses* ([8 a.C.] 2007), de Ovídio, como um texto que pode ser interpretado enquanto metáfora do processo de tradução, uma vez que tem como tema a mudança de estados de diferentes seres: “Toda tradução deve ser vista primeiro como uma metamorfose: uma transformação radical, dolorosa e milagrosa em que características específicas e elementos são perdidos e outros adquiridos” (Lahiri 2022a, 46). Lahiri analisa, então, as dinâmicas entre Narciso e Eco para referir-se à relação entre texto de chegada e texto de partida. O texto encerra-se com a afirmação de que “traduzir é olhar para o espelho e ver alguém diferente de si mesmo” (Lahiri 2022a, 59). O espelho, aqui, portanto, é uma metáfora não de

reconhecimento, mas de estranhamento.

A relação entre Narciso e a sua própria imagem refletida pode ser comparada ao modo com o qual a tradutora-personagem se enxerga no espelho em “The Exchange”. No texto de Ovídio, Narciso “ama uma esperança sem corpo; julga ser corpo o que é água” (2007, 417). Desse modo, confunde-se o que é imagem do que é corpóreo. Devido a este engano, o encontro de Narciso com quem ama não é possível. Já em “The Exchange”, ao olhar para o espelho, a tradutora nota um corpo atrás do objeto, mas não confunde imagem e corpo como Narciso. Em vez de buscar o encontro com a imagem no espelho, a protagonista anseia aproximar-se do outro corpo *fora* do espelho. A tradutora reconhece, portanto, a diferença entre imagem e corpo.

Este reconhecimento, entretanto, não implica que o encontro aconteça. A tradutora não consegue estabelecer contacto com essa presença silenciosa, que lhe permanece estranha. Essa dinâmica da impossibilidade do alcance assemelha-se ao processo descrito por Vera Lúcia de Oliveira, em que a tradução é a busca de um contato com um outro que “nos escorrega pelas mãos, não se deixa capturar facilmente” (Oliveira 2009, 82).

Conclusão

Em *In Other Words*, Jhumpa Lahiri constrói uma escrita permeada pelo uso de metáforas. Uma delas, o espelho, é utilizada em diferentes momentos do livro. No conto “The Exchange”, o espelho pode ser interpretado como metáfora do processo tradutório em ao menos dois sentidos. No primeiro, a superfície tripartida pode estar relacionada à fragmentação do senso de identidade provocada pela experiência de falar mais de um idioma, conforme Lahiri descreve no texto “The Triangle”, publicado no mesmo livro.

Em um segundo sentido, a cena do espelho representa o momento em que a protagonista do conto se distrai da própria imagem e identifica a presença de outra pessoa na sala onde está. Neste caso, há uma ruptura com o modelo da relação de Narciso com a própria imagem, como representado em *Metamorfoses* de Ovídio. A personagem reconhece e busca o contato com um outro que não consegue encontrar, assim como Oliveira (2009) descreve o processo tradutório. Estas duas formas se diferem de usos de metáfora que associam o espelho a um paradigma de transparência, uma vez que enfatizam os aspectos de estranhamento, fragmentação, assim como a impossibilidade de um contato pleno com o outro vividos na prática da tradução.

Referências

- Damrosch, David. 2012. "Translation and World Literature: Love in the Necropolis." In *The Translation Studies Reader*, editado por Lawrence Venuti, 411-428. Londres e Nova York: Routledge.
- Derrida, Jacques. 2012. "What Is a Relevant Translation?" In *The Translation Studies Reader*, editado e traduzido por Lawrence Venuti, 365-388. Londres e Nova York: Routledge.
- Fontanier, Pierre. 1977. *Les Figures du Discours*. Paris: Flammarion.
- Lahiri, Jhumpa. 2015. *In Altre Parole*. Milão: Guanda.
- Lahiri, Jhumpa. 2017. *In Other Words*. Traduzido por Ann Golstein. Londres e Dublin: Bloomsbury.
- Lahiri, Jhumpa. 2022a. "In Praise of Echo: Reflections on the Meaning of Translation." In *Translating Myself and Others*, 44-59. Princeton: Princeton University Press.
- Lahiri, Jhumpa. 2022b. "Why Italian?" In *Translating Myself and Others*, 9-22. Princeton: Princeton University Press.
- Oliveira, Vera Lúcia de. 2009. "O eu e o outro na tradução: pensando a alteridade" *Ipotesi* 13 (1): 81-86. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19160>.
- Ovídio. (8 a.C) 2007. "Livro III: Narciso e Eco". In *Metamorfoses*, traduzido por Paulo Farmhouse Alberto, 94-98. Lisboa: Cotovia.

Ravizza, Eleonora Natalia. 2019. "Jhumpa Lahiri's Narratives of Self-Translation as Dynamic Encounters with the Other". *Le Simplegadi* 17 (19): 237-46. <http://dx.doi.org/10.17456/SIMPLE-140>.

Santoyo, Julio-César. 2013. "On mirrors, dynamics and self-translations." In *Self-Translation: Brokering Originality in Hybrid Culture*, editado por Anthony Cordingley, 27-38. London: Bloomsbury Academic.

Venuti, Lawrence. 2004. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Taylor & Francis e-Library.